

# Suplemento Cultural

## POESIAS

### O CIÚME

Do egoísmo do AMOR ninguém se torna imune  
eis a razão de ser do vil ciúme,  
que fere fundo o coração que ama,  
transformando um romance, em verdadeiro drama.

Como pode o AMOR, tão belo em sentimento,  
se deixar dominar em algum momento,  
pela negação daquilo que ele é?...  
O AMOR: é pureza, é dar-se, é querer bem;

o ciúme: é avareza, egoísmo e não tem  
um sentimento capaz de enaltecê-lo a vida,  
pois é fruto daninho do desejo cruento  
que se apega ao AMOR, trazendo o incitamento

das ilusões fugazes da carne deletéria;  
que traz desconfiância e também incerteza,  
destroçando esperanças, maculando a pureza  
do verdadeiro AMOR, que domina a matéria.

JÚLIO GUIMARÃES

### O REMORSO

Remorso – é um feio morcego  
Com dentes bem aguçados  
Que devora noite e dia  
A consciência dos culpados!  
É a recompensa do crime,  
É a palma de quem oprime,  
Do carrasco – é o galardão...  
É a voz do arrependimento,  
Do peito ingrato é o lamento  
Que implora de Deus, perdão!

RUBENS DE CASTRO

## BOI DE PIRANHA

RAQUEL NAVEIRA

Certa vez, atravessando uma estrada boiadeira, fomos obrigados a estacionar o carro na margem para que uma comitiva passasse: a manada de lombos e papas acinzentadas; os homens a cavalo, de botas, chapéus e esporas, carregando chicotes, capas de couro, panelinhas, pelegos alaranjados, berrantes de chifres, cuias e outros apetrechos. Lá iam eles desfilando, tilintando, dando gritos e giros sobre as patas das montarias.

– Vão na direção do Piquiri, do Paraguai, lá pras bandas do Abobral, explicava meu tio Atanásio, baixinho, gordinho, contador de casos, que lembrava um Getúlio Vargas do sertão. O rio Paraguai é perigoso, cheio de piranhas ferozes. Sabe o que significa “piranha”? “Pira” é peixe e “ranha”, dente. Tão pequena a piranha e com aquela boca enorme, de dentes rilhados. Quando a comitiva chega à beira de um rio infestado de piranhas, os peões abatem um boi já velho ou doente e atiram seu corpo, sangrando, na água, para atrair essas criaturas carnívoras, enquanto seguem a nado com o resto do rebanho. O espetáculo é de uma crueldade chocante: espumas, bolhas em ebulição, as piranhas frenéticas, excitadas pelo cheiro do sangue e, depois de um ou dois minutos, o esqueleto flutuando na superfície calma.

Visualizei aquela cena de morte. O boi é mesmo sagrado com sua capacidade de sacrifício. Imaginei o animal jogado às piranhas com um olhar doce, desapegado do mundo, contemplando o verde fluxo do rio. Um herói, que antes cavava sulcos na terra com o arado, agora transformado em sumo sacerdote da dor.

Esse ato de alguém se imolar para livrar uma outra pessoa ilustra bem o sacrifício de Jesus na cruz do calvário. Os animais inocentes, sem mácula, sem mancha ou defeito, oferecidos para fazer expiação pelas almas no Velho Testamento apontavam para o grande sacrifício feito pelo Cordeiro, o próprio Deus pagando um alto preço de sofrimento, agonia, suplício para trazer livramento, paz e regeneração para aqueles que aceitam esse mistério.

As piranhas devoraram o boi para abrir caminho, para que o grupo inteiro pudesse ir além, sãos e salvos. Um único boi padeceria por todos. Ele foi o substituto.

– Quantos perigos há na estrada e nos rios para quem anda desgarrado, desviado e sozinho pela Terra, ponderou tio Atanásio, antes de abrir mais uma das infundáveis porteiras de arame farpado até chegarmos à sede da fazenda Roseira.

Naquela época compreendi coisas simples e profundas: ritos de lavoura, fases da lua, criação de gado, revoadas de aves, luta pela sobrevivência. Que a vida da carne está no sangue. E que ele borbulha sobre águas e altares.

(Crônica contida no site [www.revistatopivitrine.com.br](http://www.revistatopivitrine.com.br))

# Hoje guardador de memórias sou

H. CAMPESTRINI – Presidente do IHGMS

Nobres ouvintes,

Marinheiro fui.  
E fui pastor.  
E, como Paulo Bomfim, meu guia,  
“Hoje guardo memórias do que fui,  
E em meu caminho sigo entre destinos,  
Tangendo este rebanho de palavras...”

Permitam-me que lhes apresente resumidamente um pouco de minha vida.

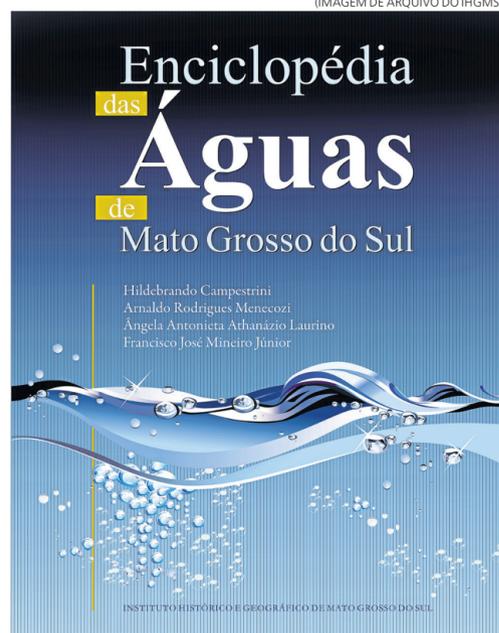
Quando, há nebulosos milênios, “vestiram-me de palavras/ Para que eu existisse”, surgi para o mundo, recebendo dos fados o encargo de vagar, vagar sempre. Vagar por mares, por terras, vagar... Marcado por esse sinete, perseguí tenazmente meu fadário.

Primeiro foi o mar.  
Marinheiro de todas as vagas, pele de há muito pelos sóis já crestada, porejando salgagem, maltratado dos assobios da insensata ventania, vestindo andrajos de histórias do pélagos profundo, carregando para sempre, como o marulho do mar no bojo da concha nacarada, o lamento das ondas, depois de conhecer todos os mares, “carregando na retina diluídos/ Os misteriosos portos não tocados”, alcancei, em priscas eras, as plagas do Xaraés bravo, mar que deu origem ao nosso Pantanal.

Depois foi a terra.  
Andejo, estranhando de início a firmeza do solo, barbas longas e cabelos revoltos, por companheiros o mais belo luar do mundo, o sem-fim das campinas em flor, os pequis floridos, o abrigo das serras, a sombra dos jatobás carnudos, o grito estridente dos quero-queiros inquietos e os frutos do marmeleiro, palmilhei, cajado às mãos, pegureiro de nuvens, de pássaros e de recordações, este chão sul-mato-grossense, tangendo o rebanho de palavras, para dar vida às pessoas. Sim, é a palavra que vivifica – onde não há palavra nada existe.

E, pelo tempo em fora, fui pregando aos povos que conservassem sua memória, porque é ela a início da libertação, enquanto o esquecimento leva à escravidão. Do alto dos morros conclamava: “O que passa/ Permanece./ Um dia seremos ideias/ Fecundando silêncio./ Então, ninguém nos lembrará/ Porque estaremos presentes/ Na alma do vento, na carne falada”.

Percorrendo os séculos, morri muitas vidas e vivi muitas mortes. Sempre cumprin-



CAPA DO LIVRO, que mede 35 cm x 45 cm, pesa 4 kg, contém 328 páginas (com fotos, mapas e textos), e oferece 7.300 verbetes

“

Percorrendo os séculos, morri  
muitas vidas e vivi muitas  
mortes. Sempre cumprindo  
meu fadário: tanger meu  
rebanho de palavras,  
distribuindo-as para dar  
vida à caminhada de cada  
um, para marcar os passos  
feitos e não desfeitos”

do meu fadário: tanger meu rebanho de palavras, distribuindo-as para dar vida à caminhada de cada um, para marcar os passos feitos e não desfeitos. Torneime, assim, guardador de memórias, tangendo meu rebanho de palavras.

Em 1960, cheguei a Campo Grande para aqui ficar três exatos anos. Já se passaram cinquenta e quatro, cumprindo meu fadário: tanger meu rebanho de palavras. E foi desta maneira que, irmanado aos associados do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, foi possível resgatar e divulgar boa parte da história sul-mato-grossense, colaborando para a construção de nossa identidade.

E entre os trabalhos produzidos avulta a Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul. Quando me veio o lampejo para construir a Enciclopédia, não era novidade, pois, de há muito, conhecia este território e suas águas. Trabalho ciclópico, que contou com o entusiasmo de seus coautores (Arnaldo Rodrigues Menecozzi, Ângela Laurino e José Francisco Mineiro Júnior) e de outros profissionais e colaboradores regionais. Com a soma destes esforços foi possível apresentar e lançar, neste evento, a Enciclopédia, que, mais do que trabalho de geografia ou de hidrografia, é de história, retratando o cenário atual das águas de nosso Estado.

É com orgulho que entregamos ao público a obra, patrocinada pela Sanesul e pelo Governo do Estado.

Quanto a mim, peço permissão para retomar, empunhando o cajado, o meu destino: tanger meu rebanho de palavras.

E não estranhem, nobres ouvintes, se me encontrarem, fatigado mas não esmorecido, sentado nas pedras do caminho, perguntando, como o poeta, aos que passam: – Inda é longe o porvir?

**Notas.** a) Discurso proferido no lançamento da Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul, no dia 31 de outubro de 2014. b) As citações foram extraídas de obras do poeta Paulo Bomfim.

## A AGONIA DAS ÁGUAS

“Este silêncio é feito de agonias”  
Mário Quintana

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Ele sempre foi um rio portentoso, cujas águas cristalinas e transparentes espalhavam a beleza dourada do sol nascente e, à tarde, refletiam a merencória luz sonhadora do sol-pôr.

Na primavera, o cântico festivo da passarada, na galharia verde e recendente, misturava-se ao cantarolar de suas águas que tinham trinclido de cristais, por entre as rochas e formavam catadupas sonoras no descer das serras.

Por ele, há quase um século, navegando em sua esteira líquida e prateada, chegaram os fundadores, trazendo a civilização e o progresso, dando nome aos lugares, plantando as principais sementes, edificando as primeiras casas, providenciando as primeiras lavouras, dando início à colônia.

Ele, o rio, foi o caminho e o guia desses bandeirantes de além mar, que vieram colocar raízes e cepas numa nova pátria.

Ele sempre fora um rio importante, irrigando as plantações que brotaram, fornecendo a água para as povoações que nasceram ao longo de seu leito, que serpenteia nos desvãos das montanhas.

Ele sempre foi um rio de esperança que ajudou a formar e estruturar a região, picotada pelo casario espalhado, a todos, indistintamente, fornecendo o saboroso peixe, servido à farta em todas as mesas.

Mas hoje, ele é um rio triste. Suas águas turvas, pardacentas e mal-cheirosas dizem de toda a ingratidão que sofreu por parte dos homens. Agredido na sua beleza natural pelos esgotos, lixo e dejetos das casas e das indústrias, ele se tornou um rio triste e sem encantos, que não mais se mistura à alvorada dos pássaros, nem sorri mais ao sol que aquece e clareia as matas.

Ele é um rio que está morrendo. Suas águas representam um perigo de epidemias para quem bebê-las ou nelas se banhar. A inconsciência e o desamor dos homens, certamente vão matá-lo. É uma questão de tempo. Ele não é mais um rio, é um depósito de lixo. Parece que ninguém mais precisa dele. Ninguém faz alguma coisa para salvá-lo.

Ele está agonizando. Não se lhe ouve mais o marulho. Apenas, nas enchentes, traz as enxurradas, as larvas de mosquito e o odor acre das indústrias que o estão assasinando. Sim, é a agonia das águas. Antes, fora um rio portentoso.

Hoje, um rio condenado à morte.

## Os Tempos e os Tempos...

JORGE ANTONIO SIUFI

Os jornais de Campo Grande, sem exceção, trazem anúncios de espetáculos que são protagonizados por mulheres dos grandes centros, espetáculos estes que, no mais das vezes, constituem-se de sexo explícito, strip tease, etc...

Assim vemos anunciado, na Boite Status, na Kumplyssis, na Enigma, e mais algumas que anunciam o seguinte: – Fulana de Tal, Coelhinha da Playboy, Super Gata 94, Garota do Fantástico, Miss Num Sei o Quê, e ainda arre-mata: – “Este avião estará pousando na pista Boite Tal, nos dias tais e tais” ou então “Essa gatinha está desfilando totalmente nua na pista da Boite Tal”.

Ái nós, que temos mais de cinquenta, voltamos no tempo e nos lembramos dos anos cinquenta, quando na cidade anunciava-se a vinda da famosa atriz LUZ DEL FUEGO, que se exibiria somente para homens, no Cine Teatro Alhambra, no dia tal.

Foi um Deus nos acuda, um forrobodó inimaginável. A Liga Feminina Protetora da Família Campo-Grandense, encabeçada por beatas de carteirinha, esparrou panfletos por toda cidade, com os dizeres: “Fora, pecadores”.

Como não tínhamos em Campo Grande, ainda, o telefone como temos hoje e nem mesmo a TV, os muros da cidade ama-

nhecera pichados. “Fora, pecadora”. “Seu lugar é o inferno”. “Vades retro, Satanás”. “Homem que se preza deve evitar esta infâmia”. “Vá queimar sua Luz Del Fuego nos infernos”.

Chegou o dia do espetáculo! Campo Grande, segundo estatística do IBGE (que nunca é certa) deveria ter, por baixo, uns cem mil habitantes. O Cine Teatro Alhambra, situado na Avenida Afonso Pena (onde hoje se constrói um novo hotel), tinha quinhentos lugares, entre a parte de baixo, os camarotes e o balcão. Não deu pra quem quis ver a estrela.

Teve ela que permanecer mais um dia, em mais um espetáculo – só para homens – o que enfureceu a sociedade feminina já acima indicada, ainda mais quando se propalou que a referida “star” ficaria totalmente nua no palco, envolta em uma imensa cobra. Muitos maridos tiveram que ter um alibi dos bons para comprovar onde, quando e com quem estiveram no período em que os shows se realizaram e, tem-se notícia, consultando o Fórum local, que não foram poucas as ações de desquite... Como os tempos mudam...

Acentue-se que, dada a gravidade da situação, Luz Del Fuego chegou escoltada por forte aparato da polícia civil, assim permanecendo durante o show, até o momento de sua partida em um avião da Real...